

SOMOS KAIRÓS AO ENVELHECER*

Ártemis Marinho

RESUMO

Este artigo pretende discutir as questões relacionadas ao envelhecimento da população brasileira e mais particularmente no que se refere ao recorte de gênero fortemente calcado a uma modelagem de envelhecimento feminino. Instiga a uma reflexão acerca dos ritmos e tempos contemporâneos na imposição a um estilo de vida desconectado com o processo de maturação. Propõe a abordagem formativa como uma chave para a apropriação e o aprofundamento da maturidade feminina na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Envelhecimento; idosos; envelhecimento feminino; Psicologia Formativa.

* Trabalho publicado em inglês no Festchrift in Honor of Stanley Keleman nos Estados Unidos e na Europa em setembro de 2006, traduzido e adaptado para esta publicação.

"Com o passar dos anos, as árvores tornam-se mais fortes e os rios mais largos. De igual modo, com a idade, os seres humanos adquirem uma profundidade e amplitude incomensurável de experiência e sabedoria. É por isso que os idosos deveriam ser não só respeitados e reverenciados, mas também utilizados como o rico recurso que constituem para a nossa sociedade".

Kofi Annan

* Publicado em **Caderno de Psicologia Formativa**, Volume I, 1a Edição, Rio de Janeiro: Centro de Psicologia Formativa do Brasil, 2007.

Há cerca de doze anos atrás vivenciei uma situação extremamente especial. A morte de minha mãe, aos 69 anos, após um longo período de internações em CTIs, concomitante ao nascimento de meu neto, filho de minha filha, à época, com 15 anos.

Avó então aos 42 anos e sofrendo uma grande perda, pude experimentar duas situações diametralmente opostas. Uma, diante do que representa para cada um de nós a morte, acompanhando minha mãe em seu processo de decadência físico-emocional. Outra, diante de um novo papel, ser avó, situação que a princípio vivenciei com um certo estranhamento, mas onde aos poucos fui me engajando com suficiente animação...

Por outro lado, percebi, que minha nova condição não era tão novidadesca, dado ao número crescente de mães adolescentes, coexistindo ao também crescente número de mulheres optando pela maternidade aos quarenta anos. Ser avó, portanto, não estava necessariamente ligada, como há algumas décadas atrás, a uma determinada faixa etária, ou uma imagem da velhinha de óculos na cadeira de balanço...

Casamentos, re-casamentos, reivindicações de direitos das chamadas minorias, descobertas científicas ligadas tanto às mais novas áreas de tecnologia reprodutiva, quanto ao prolongamento da vida, enfim, imersa neste caldeirão sócio-cultural, comecei a dar forma a algumas questões que vinham sendo gestadas tanto pela experiência pessoal, quanto por minha trajetória acadêmica desde a dissertação de mestrado.

Inspirada nos anos 80 pela emergente produção de gênero e bebendo na fonte do movimento feminista, engajada aos *grupos de reflexão e consciência de gênero*, buscava apreender através das narrativas destas mulheres, suas histórias de vida que refletiam a busca, muitas vezes de forma dolorosa, de sua identidade enquanto sujeito.

Distanciada dos arroubos da militância, mais próxima da maturidade, porém não menos sensível à questão feminina, venho aprofundando minha jornada pessoal e profissional através da Psicologia Formativa desde 1997, quando entrei em contato com o trabalho educativo- terapêutico de Stanley Keleman pelas mãos de Leila Cohn, coordenadora do Centro de Psicologia Formativa no Rio de Janeiro.

Este artigo representa em parte, algumas questões levantadas em minha tese de doutorado sobre o processo de envelhecimento da população brasileira em geral e mais particularmente de como os sujeitos vivenciam este processo, numa cultura contemporânea de negação da velhice, no desejo de um alongamento da juventude. Busco inspiração na compreensão da Psicologia Formativa acerca da experiência de construção da adultez na maturidade.

Os Novos Idosos Brasileiros

Segundo Veras (2003), a longevidade da população além de constituir-se como um fenômeno mundial, trazendo sérias repercussões na área social e econômica, evidencia-se de formas distintas entre os diversos países. No bloco dos países desenvolvidos, este processo se deu de forma lenta, ao longo de cem anos e atualmente, alguns destes países apresentam crescimento negativo de sua população, com taxa de natalidade mais baixa que a de mortalidade. Alemanha, Itália, Grécia e Japão encontram-se neste caso.

No grupo dos países em desenvolvimento, especialmente no Brasil, este processo tem se caracterizado pela rapidez com que o aumento absoluto e

relativo das populações adulta e idosa modificou a pirâmide populacional. Os dados do IPEA (Camarano:1999) revelam que a partir de 1960, o grupo de idosos passou a liderar o crescimento, de 3 milhões para 7 milhões em 1975 e 14 milhões em 2002, apresentando um aumento de 500% em quarenta anos.

As projeções demográficas indicam para 2020 um contingente de 32 milhões de idosos no país, colocando o Brasil em sexto lugar no *ranking* mundial de países com maior número de velhos.

O envelhecimento populacional resulta dos avanços da medicina e tecnologia, bem como do aprimoramento das políticas social e de saúde, o que reduz tanto as taxas de mortalidade quanto as de fecundidade. Entretanto, mais do que a diminuição das taxas de mortalidade, verificou-se uma drástica redução das taxas de fecundidade, principalmente nos centros urbanos. Resultado de um intenso processo de urbanização da população, que impele as famílias a um maior controle da prole face à nova condição do contexto urbano de crise econômica. Esta por sua vez implica na progressiva incorporação da mulher à força de trabalho, assim como em mudanças nos padrões sócio-culturais de correntes do processo migratório.

As diferenças por gênero são de extrema relevância neste quadro demográfico, havendo uma expressiva predominância das mulheres sobre os homens, 55% e 45%, respectivamente. A expectativa de vida é de 63 anos para os homens e 72 anos para as mulheres. Inúmeros estudos têm levantado algumas razões para estas diferenças: a) diferenças na exposição a risco – acidentes domésticos e de trabalho, acidentes de trânsito, homicídios e suicídios são, em conjunto, quatro vezes mais freqüentes para os homens do que para as mulheres nas áreas urbanas brasileiras; b) diferenças no consumo de tabaco e álcool – fumar e beber são fatores de risco associados às mortes por neoplasias e doenças cardiovasculares, duas causas de morte mais importantes na faixa acima de 45 anos; c) diferenças na atitude em relação a doenças, uma vez que as mulheres têm melhor percepção das doenças e buscam mais constantemente serviços de saúde.

Este panorama revela o que os pesquisadores denominaram de “pirâmide da solidão feminina”, uma vez que 67% desta população idosa é composta por viúvas, que residem em sua maioria sozinhas.

Por outro lado, o que a realidade também evidencia é que estas idosas muitas vezes são responsáveis financeiramente pelos domicílios de seus filhos, contribuindo significativamente para a sobrevivência das famílias, dada a não absorção pelo mercado de trabalho da população mais jovem. Soma-se a este quadro, a instabilidade das relações afetivas gerando o retorno dos filhos à casa dos pais ao desfazerem seus casamentos e cabendo às avós, a responsabilidade pela guarda e/ou cuidados diários dos netos.

Desmistifica-se, portanto, a imagem construída de que os idosos seriam um peso, ou uma sobrecarga para as famílias...

O que é um direito, viver muito, ter vida longa, quando é alcançado passa a ser uma questão social. A sociedade não sabe o que fazer com seus sujeitos envelhecidos.

Ser velho traz um conjunto de conotações pejorativas. Todos querem viver mais, mas ninguém quer ser *velho*. Esta ambigüidade levou o tema a "não ser" e sobre o envelhecimento e a velhice montou-se uma "conspiração do silêncio". Como se ao não se falar, refletir fosse garantia de não existir. Esta atitude reforçou a permanência de mitos e falsas concepções.

Numa sociedade em que o mito é a apologia da juventude, ser velho é, ser feio, fraco e, principalmente, *improdutivo*.

Perspectivas do Envelhecimento em uma Sociedade Digitalizada

A sociedade contemporânea é marcada pela compressão do tempo e do espaço, desconectada do curso de vida, gerando uma cultura da informação, da velocidade, da competitividade e da performance. Substituiu-se a construção anterior da velhice: desengajamento – o envelhecimento ligado à decadência, à retirada do cenário público, à depreciação do corpo e da mente, pela ideologia do engajamento – a aposentadoria e a idade deixam de demarcar um comportamento e um estilo de vida, para ser um conjunto de procedimentos relacionados à manutenção corporal, à saúde e a novas formas de lazer.

Neste sentido, a mídia contribui fortemente na construção das imagens sobre a concepção do corpo influenciando na construção das identidades. De acordo com Featherstone (1998) "as formas do corpo: volume, vigor, e beleza, culturalmente codificados operam como indicadores de poder e prestígio social". A boa aparência é colada à idéia de bem-estar: conservar o corpo com dietas, exercícios e outros cuidados trará longevidade, a juventude é desconectada da faixa etária.

Funda-se, portanto, uma construção cultural baseada na estética da recusa e do medo frente ao processo de envelhecimento, uma vez que este é visto como transgressão à nova conduta esperada.

No entanto, "o tempo não é uma dimensão cronológica, medido em dias, meses e anos, mas sim um horizonte de possibilidades do ser" Martins (1998). Refere-se, portanto, ao tempo interno, em que recolhemos nossas experiências. Um tempo vivido, que pertence a cada um e é intransferível.

A não compreensão interna destes dois tempos faz com que as pessoas não percebam que a vida é mais que uma seqüência de anos e de acontecimentos.

Que sua vida não foi apenas o que viveu “naquele tempo”, sua vida continua, sua história pessoal se cruza com histórias coletivas, ele “o velho” tem ainda muito a dizer.

KAIRÓS em grego, tempo próprio para a ação. É o momento em que a eternidade toca o tempo, ou seja, o tempo vivido.

CRONOS refere-se ao tempo cronológico, diferente do tempo vivido.

Não temos apenas um corpo, mas que este corpo é o nosso corpo. “Somos”, este corpo **é nosso** e que vive nossas próprias experiências. Isto deve ser pensado na existência real e existencial do corpo, pois isto é também essencial para minha consciência do mundo.

Somos, portanto, **KAIRÓS**, um tempo vivido em uma determinação consciente e efetiva da nossa existência.

O Adulto e Suas Transições de Forma

Segundo Keleman (1994), os adultos têm um anseio inato de crescer: crescemos através da diferenciação e do acréscimo de dimensões à nossa forma corporal e aos nossos sentimentos.

Na maturidade já afirmamos nossa presença no mundo social construindo famílias, relações de trabalho e amizade utilizando nossa camada mesomórfica.

A partir deste lugar transmitimos ao mundo aquilo que aprendemos com nossa experiência, porém, sem a necessidade de provar verdade ou valor. É um momento da vida em que suavizamos o ímpeto de construir fora, transformando-o em uma onda que mergulha no nosso próprio caldo e constrói dentro. Aprendemos a acreditar mais no nosso poder intuitivo e nas nossas visões, tomando-as como parâmetros do viver. O futuro fica próximo e cada dia é vivido como uma oportunidade de ser mais quem somos. Substituímos o mote meso do FAZER pelo mote endo do SER.

Nesta fase, independente de nossa estrutura herdada, vivemos o percurso endomórfico.

O segundo adulto usa a sua firmeza mesomórfica para abraçar o suave expandir de sua porosidade que acompanha o seu receber a si mesmo e aos outros.

Corpendo a Vida na Maturidade

As idosas ouvidas tanto na pesquisa de tese do doutorado quanto na clínica expressam ambivalência em sua relação com o processo de maturidade. Se por um lado o envelhecimento é visto positivamente como experiência de vida onde o espírito é valorizado, o mesmo não acontece quando o corpo que envelhece é tratado. Existe uma separação clara entre o corpo e o espírito.

Os depoimentos revelam “um corpo alquebrado que padece à passagem do tempo e um espírito que se desenvolve em conhecimento das coisas e do mundo...” Existe uma clara rejeição a uma identidade de velho, ou seja, ao seu próprio envelhecimento e ao pertencimento à categoria social da velhice. Quando perguntados sobre o que era “ser velho”, respondiam: “perder a saúde física e mental”, “perder a beleza de fora e de dentro”, “ficar doente e solitário”, “ficar sendo cuidado por outras pessoas”....

A avaliação sobre o corpo sempre era associada à perda da beleza física e da funcionalidade. No entanto, era realizada a partir de um olhar sobre os outros e não sobre si mesmos. Nesta discrepância entre o olhar interno e o externo, uma maior ênfase é dada ao externo, e este passa a ordenar o interno. Assim, os “outros” eram caracterizados com a visão estigmatizada do velho.

Concomitante à imagem de decadência, vem sendo difundida uma visão da “velhice bem sucedida” (aquelas pessoas ativas, que praticam esportes, tem uma saúde de ferro, vestem roupas modernas, freqüentam grupos, usam as mais modernas tecnologias anti-envelhecimento... o não velho...) Desta forma, “os outros” que não se enquadram nestes atributos, são “velhos”.

Verifica-se uma desconexão com a própria experiência corporal em nome de uma idealização de imagens construídas socialmente. Segundo Keleman “quando vivemos conceitos e imagens que não estão enraizados em nosso corpo, não acreditamos em quem somos. Quando o corpo perde contato com a própria imagem somática interior, ficamos alienados do sagrado”. Este sagrado, diz respeito ao processo construído a partir da experiência vivida e incorporado a si próprio, ou seja, pessoalizado.

As narrativas de idosas mais identificadas e vinculadas com suas experiências de envelhecimento eram aquelas que se colocavam mais conectadas consigo mesmas vivendo este processo e os acontecimentos do seu cotidiano, buscando uma ação de reorganização interna e na vida. Isto vale dizer, que não buscavam soluções a partir dos modelos externos construídos socialmente sobre o que é ser uma mulher idosa hoje. Dessa forma, podem construir uma maturidade apropriando-se de sua sabedoria.

A prática formativa aprofunda a forma pessoal, diferenciando-a das formas construídas socialmente. Contribui, assim, para a criação de novos sujeitos, consolidando a relação entre genética e subjetividade e quebrando a reprodução de uma identidade estigmatizadora do velho e da velhice.

BIBLIOGRAFIA

CAMARANO, Ana Amélia (org) - *Muito Além dos 60: Os novos idosos brasileiros*, RJ, IPEA, 1999.

FEATHERSTONE, M; HEPWORTH, M – The mask of ageing and postmodern life course. In. FEATHERSTONE, M; HEPWORTH, M & TURNER, B. S. (Eds). *The Body: social process and cultural theory*. London: Sage Publications, 1991.

KELEMAN, Stanley. *Myth & the Body: a colloquy with Joseph CAMPBELL*, Berkeley, California, Center Press, 1999.

_____. *Amor e Vínculos: Uma visão somático-emocional*, SP, Summus, 1996.

MARTINS, Joel. Não somos cronos, somos Kairós – In. *Revista Kairós, Gerontologia*, ano 1, Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento - Programa de Estudos e Pós-Graduação em Gerontologia - PUC-SP, 1998.

VERAS, R. P. (org). *Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio*, RJ, Dumará, 2003.

CURRICULUM RESUMIDO

Assistente Social. Doutoranda em Serviço Social – UFRJ. Mestre em Serviço Social - PUC/RJ. Profª. da Escola de Serviço Social-UFF. Terapeuta corporal. Membro da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Membro profissional associado do Centro de Psicologia Formativa do Brasil.

CONTATO

Ártemis Marinho – CRESS 3599
Av. N. S. de Copacabana, 647 sl. 1005 - Copacabana
Tel. (5521) 2235-5605
E-mail: artemism@mls.com.br